

Tears came to her eyes. She felt a little dizzy, and she didn't know the reason. Was it the wine or was it the emotion? Mentally she followed the melody, recalling the lyrics She is now crying but she doesn't if it's for poor Amelia of the song or for herself -- for her memories. She sobs. All her body is treembling like a leaf shaken by the wind.

Josã© Condã©

Tears came to her eyes. She felt a little dizzy, and she didn't know the reason. Was it the wine or was it the emotion? Mentally she followed the melody, recalling the lyrics She is now crying but she doesn't if it's for poor Amelia of the song or for herself -- for her memories. She sobs. All her body is treembling like a leaf shaken by the wind.

Josã© Condã©

ã‰ um burrinho velho e magro que vem em marcha cadenciada, levantando poeira. Segue-o, a poucos passos, um menino, de cabeã§a baixa, com os pã©s descalã§os pisando a terra que escalda ao sol do meio-dia. Tilinta o cincerro. No galho seco do oitizeiro, um pintassilgo ensaia algumas notas. Interrompe, porã©m, e fica de bico aberto, afogueado pelo calor. Mas acaba flechando sobre o menino e o burrinho, para ir pousar do outro lado, numa estaca de cerca.

Do alpendre da casa-grande, uma voz chama:

-- Neco! ã” Neco!

Assustado, o passarinho foge para a ravina mais prã³xima. A negra Joana chama outra vez. Resmungando, dirige-se para o terreiro, olha em todos os sentidos. Subitamente, desiste. Senta-se na roda de um

carro de bois abandonado e fixa a curva da estrada onde o menino e o animal desapareceram. Uma pequena nuvem de poeira ergue-se por um instante, demora pouco no ar, voltando em seguida à terra de onde saiu.

-- O que ã© da terra, ã terra torna a voltar -- diz Joana.

Havia alguns anos, tambã©m ela partira para a cidade e acabara voltando. Pouco importava que a fazenda jã; nã© fosse o que tinha sido; que em vez de fartura de antigamente, atã© necessidade passassem hoje em dia. Ali nascera e vivera grande parte da existãncia; ali queria acabar seus dias e ser enterrada no pequeno cemitã©rio dos escravos. Fora invadido pelo mato e pelas cobras, sabia ela; quase nã© havia cruzeiros de pã© e, por outro lado, os tijolos do muro tinham sido todos vendidos.

Entretanto, igual destino tivera tambã©m o muro do cemitã©rio dos brancos. Somente a terra se conservava no mesmo lugar como se ela prã³pria desejasse ser enterrada.

Joana olha na direão da estrada e se lembra de que por ali vira passar muitas carruagens puxadas por animais ricamente ajaezados. Sim, hã; muito, muito tempo: nos dias solenes de batizados, nos casamentos das moãas da casa-grande, durante as festas da colheita. "Hã; muito, muito tempo..." torna a pensar. Pouca gente agora atravessava a velha porteira: um ou outro fazendeiro da vizinhanãa, o fiscal da Prefeitura de Santa Rita, ou o homem do banco, que ainda nã© desistira de adquirir a propriedade da velha

Magdala.

A negra continua olhando. Entre o portãŁo e o alpendre, tudo ã© mato rasteiro, esturricado, onde cascavã©is faziam ninhos. ã€ esquerda, ficava um resto da antiga senzala; mais atrãis, na pequena elevaçãŁo de terreno que ia ter aos cafezais de outrora, a capela, cuja porta principal jã nãŁo se abria hã tantos anos. Inexoravelmente o sol ia queimando tudo.

Joana torna a se lembrar do Neco. Onde se metera o diabo do moleque? Chama-o:

-- Neco! ã” Neco!

Decide voltar ao alpendre. Arregaãsa a saia, por causa do mato rasteiro, e caminha com cautela, resmungando sem parar. Sobe as escadas. Olha em torno, novamente. Vã, entãŁo, o negrinho, que se aproxima, sem pressa, cabisbaixo.

-- Onde tu andou, negro ruim?

Neco nãŁo responde.

Mas Joana jã esqueceu o motivo por que o chamara. Faz um muxoxo,

enquanto os olhos se alongam na direção da estrada: o menino e o burrinho estão de volta. Tilinta novamente o cincerro. E tornam a sumir ao erguer-se sobre eles outra nuvem de poeira amarela.

II

De tarde choveu. Uma nuvem ligeira que o vento trouxe e, rápido, levou para outros horizontes. Mas deixou um céu azul translúcido e também o ar leve com todos os perfumes do mato lavado.

A velha Magdala estava no alpendre; não teve a menor surpresa quando o cabriol de Antnio Arruda atravessou a porteira e veio se aproximando da casa-grande.

-- Boa tarde, dona -- saudou o homem, tirando o chapéu.

Ela fechou a cara. Por que voltara outra vez? Odiava aquele homem alto e magro, de voz fina, irritante, que falava como se soprasse as palavras. Via-o agora caminhar na direção onde ela estava, curvado, naquele passo curto, sorrindo. Pensou: "Sua mão está sempre fria e suada. Dê-me notícias." Antnio Arruda subiu as escadas, cumprimentou-a e pediu licença para sentar-se.

-- O calor não está para brincados, dona.

Defrontavam-se, ambos, na mesma expectativa inquietante. Foi o homem quem, dentro em pouco, puxou o assunto:

-- Então, Dona Magdala?

A velha apertou com força o espaldar da cadeira. Sim, -- recordava -- era a mesma conversa de outras vezes: de que adiantava conservar uma propriedade sem nenhuma serventia, uma casa que estava caindo aos pedaços, quando ela, Dona Magdala, com o dinheiro da venda, poderia se mudar para um sobrado em Santa Rita e ali viver tranquila os dias que lhe restavam? Quarenta contos era bom dinheiro em qualquer lugar. Onde encontraria melhor oferta?

-- Não é questão de dinheiro -- respondeu a mulher. -- Já lhe disse que não é questão de dinheiro.

-- Que diabo será então, dona?

"Ele não se irá embora enquanto eu não lhe tornar bem claro que sua presença aqui me é desagradável." Entretanto, mesmo depois de ter dito o que pensava, depois de ver Antônio Arruda afastar-se para o cabriol, no seu passo curto, cabisbaixo, prometendo que daí a dias estaria de volta, que quarenta contos era uma fortuna, e a fazenda estava em ruínas, a casa-grande acabaria desabando quando ela menos esperasse, mesmo depois de tudo isso, a velha Magdala se sentiu cansada e triste. "Por que ainda o aturo, meu Deus?"

Ergueu-se, desceu as escadas que davam para o pátio, e saiu caminhando na direção do carro de bois abandonado. O cachorro, que madornava na sombra formada pela roda, abriu os olhos, bocejou, e se pôs de pé, abanando a cauda. A velha não lhe deu atenção e continuou andando. Ao alcançar a senzala, mudou de rumo, tomando a picada que levava à igreja e ao cemitério. O mato rasteiro ainda estava molhado e as hastes se prendiam ao vestido. Magdala afastava-se, sem pressa, recomeçando a andar, para tornar a descansar mais adiante, respirando com esforço. Assim foi até atingir a colina onde se erguia a capela da fazenda. Contemplou-a de alto a baixo, tranquilamente, detendo-se no exame de cada janela, da porta, das fendas que cortavam a parede do oitavo. Há quanto tempo não fazia isto? Pensou depois: -- "que importa a separação dos anos?" Poderiam passar mais cinquenta ou mesmo cem anos, e não esqueceria um só detalhe da construção: o grande portal de cedro bordado por mãos hábeis, as cornijas, o nicho entre a torre e a fachada, acolhendo a imagem de São José, as duas janelas e os vitrais; não, não a esqueceria, sobretudo a voz do sino. Estava calado, é verdade, mas se alguém o fizesse tocar, estivesse ela onde estivesse, reconheceria o chamado. Quem sabe -- indagou -- não teria sido aquele silêncio de tantos e tantos anos, que semeara a morte e a solidão nos campos em derredor? Quem sabe?... Aproximou-se da porta e empurrou-a. Foi um esforço inútil. Tornou a empurrar, desta vez numa tentativa quase frenética. Houve como que um suspiro abafado, trêmulo, e a porta se escancarou, oferecendo aos seus olhos a visão do altar-mor iluminado por uma róstia de sol que descia de uma telha quebrada. Antes mesmo de entrar, pôde sentir a crosta de poeira agarrada aos bancos e às imagens. No entanto, havia qualquer coisa de sagrado e de singela beleza naquele silêncio de abandono. Exatamente como sempre fora -- disse consigo mesma -- a pintura do teto, os castiçais, o ouro do pólipo...

Dirigiu-se à sacristia; depois ao corredor que ia ter à escada em caracol por onde se subia para o campanário. Tremiam-lhe, excitadas, as mãos. Mas estava feliz. Já não importava o cansaço, a respiração difícil, a dor que feria nas juntas como se lhe estivessem dando agulhadas. E, amarrando-se ao corrimão, começou a galgar a escada; em cada degrau vencido fazia uma pausa e respirava com sofreguidão. Enfim, a torre, pequena, suja e o súbito despertar de asas de morcegos em debandada. Levou as mãos ao rosto e fechou os olhos. Ao abri-los, novamente, descobriu os campos em derredor: lá estavam os morros onde pastavam as reses de uma fazenda vizinha; lá estava a sua própria casa-grande, a velha senzala, o carro de bois abandonado

Ao pé da capela, à esquerda, o cemitério. Mesmo daquela altura, podia reconhecer cada sepultura. Estavam cobertas pelo mato e somente uma ou outra cruz ainda se mantinha erguida. Mas as flores silvestres, vermelhas, amarelas e brancas, despontavam aqui e ali, irredutíveis à invasão do mato traiçoeiro.

Magdala ergueu a mão e agarrou com força a ponta da corda presa ao badalo. Puxou-a. E ficou aguardando, ansiosa, que a badalada forte a envolvesse. Mas nada ouviu. Repetiu o gesto, e só agora com o novo impulso, pôs-se o sino a tocar alto, sempre mais alto, firme, talvez alegre, como outrora.

Ali permaneceu a velha Magdala até que as sombras do crepúsculo desceram sobre a terra, os morros, a casa-grande, a senzala e a encontraram, nem triste nem feliz.

III

O jantar foi servido à hora do costume. Magdala não tinha vontade de comer. Cruzou o talher, afastando o prato que não havia tocado. Levantou-se e, como de hábito, foi tomar a fresca da noite, na cadeira de balanço do alpendre. O cachorro apareceu para ocupar o lugar de sempre aos pés da velha. O silêncio e o mistério da noite já rondavam os campos, a lua ainda não surgira; além da estrada, a mata e os morros eram uma sólida mancha escura e densa, também triste. Mas essa tristeza não se comunicava ao coração de Magdala. Balançando-se na cadeira, os olhos semicerrados, parecia distante do mundo e de si mesma. Daí a pouco devia recolher-se ao quarto, onde, depois de trocar a roupa, faria as orações de costume, ajoelhada ao lado da cama, e dormiria profundamente. Antes disso, não fora o cansaço que lhe trouxeram as emoções daquela tarde, gostaria de tocar um pouco de piano. Não por prazer. Era um hábito antigo. Mas os braços e as pernas pareciam presos de estranha lassidão. Os próprios pensamentos, confusos.

Distante, um cão ladrou.

Depois, foi o vento que começou a soprar quase inesperadamente. A princípio, uma simples aragem, trazendo o cheiro da terra; em seguida, a própria terra numa vaga de poeira, veio chocar-se de encontro às paredes da casa, levantando redemoinhos no terreiro e invadindo o alpendre. Magdala resolveu entrar. Fechou a porta que se comunicava com a sala e, apanhando o candeeiro sobre a mesa, subiu a escada que conduzia ao quarto, no fim de corredor.

Deitou-se depois das oraçãµes, e adormeceu.

Pela madrugada, acordou com um ruído estranho. Sentou-se na cama e ficou ouvindo: o vento zunia nas árvores do pátio. Mas não foi propriamente o vento que a despertou, tinha certeza; foi um ruído diferente, quase indefinível, mesmo. Sim, era uma espécie de estalos estranhos que se repetiam, confundindo-se com gemido prolongado. Escutava-os perfeitamente; um estalo, dois, três... afinando-se, pelo contrário, quase num lamento... Ainda no escuro, ficou indecisa e teve receio de acender o candeeiro. De onde viriam? Do corredor, do teto, da sala lá embaixo? O vento cresceu de intensidade e por alguns instantes sufocou todos os rumores, inclusive o uivo do cão. Dentro em pouco, no entanto, os sons enervantes ergueram-se outra vez e tomaram conta da casa.

Magdala levantou-se, acendeu o candeeiro, foi à procura da negra Joana, no quarto ao lado. Mas teve dificuldade de chegar até lá. Bateu à porta. Nenhuma resposta. Tornou a bater. Uma lufada mais forte de vento fez o assoalho estremecer sob os seus pés.

-- Joana! -- chamou.

Como ainda desta vez não obtivesse resposta, esmurrou a porta. Ouvia, finalmente, o ruído da taramela e a voz da negra.

-- Abra! abra! -- gritou.

Joana surgiu, empunhando o castiçal.

-- Vocã ouviu, Joana?

-- Escuto todas as noites, sinhã, mas nãõ queria dizer nada pra nãõ assustar vosmecã.

Conservaram-se em silêncio durante alguns instantes. Escutaram, entãõ, nã-tidos, os gemidos. Seguiu-se o uivo do cachorro, demorado, varando a solidãõ lã fora.

-- Venha! -- ordenou Magdala.

Atravessaram o corredor e, com o movimento de ambas, um rato, assustado, saiu correndo e chegou a roçar a saia de Joana. Desceram as escadas. A luz do candeeiro se projetava verticalmente, envolvendo mãveis, paredes, a poeira adormecida nos quadros suspensos das paredes. Diminuã-ra a intensidade do vento. Coisa estranha: jã nãõ se ouvia agora nenhum ruã-do. A sala parecia maior no seu ermo. As cadeiras, a enorme mesa de jacarandã, eram como pessoas mortas, em rigidez cadavãrica, no esquecimento em que se encontravam. As mulheres continuavam avançando; foram pelo corredor que ia ter ã cozinha, examinaram a despensa, o quarto

dos arreios, a camarinha. Sãºbito, recomeã§aram os gemidos. Entreolharam-se, ambas. Era impossã-vel afirmar de onde vinham, assim de repente: do teto, do soalho, das prã³rias paredes? Pareciam partir da cozinha, da despensa e da camarinha. De um momento para outro silenciaram de novo.

Magdala deixou Joana na sala, abriu a porta, atravessou o alpendre, dirigindo-se ao terreiro. Arrefecera de todo o vento, e a lua brilhava sob o ar frio. Cheirava o mato noturno nos campos adormecidos. E o branco sujo das paredes da capela, láj adiante, era como um fantasma que velasse a solidã£o do vale. Aã-, entretanto, nenhum ruã-do chegava aos ouvidos da velha. Escutava somente o cricri dos grilos e, de quando em vez, o uivo do cachorro. Entã£o, esquecida de tudo, pã´sse a contemplar a casa. Curioso: era como se a tivesse esquecido durante anos e, de repente, a reencontrasse, diferente, nã£o conseguindo nela vislumbrar a razã£o do amor antigo. Mas, por quãª? Ali nascera e sempre vivera; ali haviam nascido e vivido pensamentos, vozes, ruã-dos, gestos que sempre lhe pertenceram. Escutava-os ainda: pareciam tã£o vivos e tã£o prã³ximos como se apenas estivessem ocultos sob as paredes, e jamais mortos. No entanto, a casa parecia ter agora uma fisionomia diferente. Envolvida pelo luar -- pensou -- era como um tãºmulo abandonado.

IV

No dia seguinte, a velha Magdala nã£o desceu, e recusou o alimento que a negra Joana mandou Neco levar ao quarto.

-- Não tenho fome -- disse.

Recostada na cama, diante da janela aberta, esteve todo o dia a pensar. Houve um instante, mesmo, em que chegou a admitir a possibilidade de acabar vendendo a fazenda a Antônio Arruda. Arrependeu-se, logo, dessa fraqueza, e teve a impressão exata de quem estivesse cometendo uma traição.

Olhando pela janela, via os campos iluminados pelo sol, o oitavo do estibulo, um pedaço do morro por onde subiam outrora os cafezais. Lembrou-se do pai, a cavalo, percorrendo a plantação e dando ordens aos escravos. E tão funda foi a recordação que, por um momento, julgou ouvir-lhe a voz. Uma saudade grande e dolorida lhe subiu pelo peito e morreu na garganta.

Depois dormiu e só despertou, ao entardecer, quando uma pancada de vento fez bater a janela do quarto.

-- Cheiro de chuva -- disse.

Ao cabo de uma hora, com efeito, o aguaceiro desabou, forte, cantando no telhado. Prolongou-se por toda a noite e o dia seguinte. Mas agora já não era uma chuva grossa. Caía quase de leve sobre a casa e o pátio, transformando-se em lama, na estrada.

No alpendre, onde os passos da Magdala nã£o se faziam ouvir hã; dois dias, o cachorro cochilava. Vez por outra, abria, penosamente, os olhos, levantava a cabeã§a e tornava a pousã;la sobre as patas, voltando ã madorna. Quando, de sãºbito, a noite chegou, abriu os olhos novamente e fixou a cadeira vazia. Nã£o aparecera ninguã©m para lhe trazer comida. Desanimado, retornou ã mesma postura.

Passos no terreiro vieram, finalmente, despertã;lo. Ergueu-se. Ainda indeciso, caminhou atã© a escada. Parou. Estava muito escuro e nã£o via nada; ouvia; apenas. Assustado, pãµe-se a ladrar. Mas nã£o saiu do lugar. E quando o homem subiu os degraus, aos pulos, ele recuou para a porta que dava para a sala.

-- ã“ de casa! -- gritou o estranho.

O cachorro comeã§ou a latir com mais forã§a. O homem, porã©m, fãª-lo fugir para longe, quando sapateou o chã£o e ergueu os braã§os num gesto de ameaã§a.

-- Fora!

Depois:

-- ã“ de casa!

A negra Joana apareceu na soleira da porta:

-- Quem estÃ¡ aÃ—?

-- Ã‰ de paz, dona. Queria falar com o homem da casa.

Joana examinava-o; a mÃ£o direita segurando o candeeiro e a esquerda agarrada Ã porta, numa atitude de expectativa. O visitante tinha as calÃ§as arregaÃ§adas, as botinas sujas de lama e o casaco de couro aberto no peito.

-- Quero falar com o homem da casa -- insistiu o estranho.

Joana pediu-lhe que esperasse. Fechou a porta, e os passos se perderam lÃ¡ dentro. O patamar ficou novamente no escuro. Parara de chover e trilavam os grilos, quando um gemido seco e prolongado, vindo do teto, obrigou o homem a erguer a cabeÃ§a. Pensou: "Estas vigas estÃ£o podres."

Ouviu o ruÃ—do da taramela. Abriu-se a porta e Joana botou a cabeÃ§a para fora:

-- SinhÃ¡ estÃ¡ doente e nÃ£o pode aparecer.

E depois de uma pausa:

-- Que estã¡ querendo vosmecãª?

O estranho ia comeã§ar a falar, quando, por trã¡s dos ombros da preta, viu surgir a cabeã§a da velha. Joana afastou-se, e Magdala avanã§ou alguns passos ã frente.

-- Dona, -- disse o homem -- somos artistas de uma *troupe* ambulante. Vim na frente para lhe pedir agasalho por algum tempo; o carro em que a gente viajava quebrou-se e o conserto vai demorar pelo menos umas trãªs horas:

E depois:

-- Somos de paz, dona. Hã¡ duas mulheres com a gente.

-- Estã£o com fome? -- indagou, secamente, Magdala.

O homem sorriu e concordou, balanã§ando a cabeã§a.

Magdala disse:

-- Diga a eles que podem vir.

V

Depois de ordenar Ã Joana que preparasse jantar para os forasteiros, a velha Magdala subiu para o quarto. Sentia-se ligeiramente excitada: talvez porque a negra nÃ£o tivesse recebido de boa vontade a incumbÃªncia de fazer comida para um bando de gente, Ã aquela hora da noite; talvez porque... Bem, ela tambÃ©m estava se achando diferente com a novidade de ter visitas para jantar em casa. HÃ; quantos anos nÃ£o acontecia isso? Parou, no meio da escada, pois a respiraÃ§Ã£o lhe fugia e o coraÃ§Ã£o batia mais apressado. "Realmente, estou alegre." Mas logo em seguida (pensou): "Por quÃª?...". Sorriu. Acabou de vencer os derradeiros degraus que davam para o corredor largo e mal iluminado pela chama do candeeiro de azeite de peixe. No quarto, foi diretamente ao lugar onde se achava hÃ; tantos anos a velha arca de couro. Guardava aÃ- toda sÃ©rie de objetos de uso particular: algumas jÃ³ias sem muito valor, trÃªs ou quatro vestidos (que nÃ£o usava pelo menos hÃ; vinte anos), fitas, dois pares de sapatos, um Ãlbum com os retratos da famÃ-lia. "Quem haveria de dizer que um dia tornaria ainda a usar essas coisas?..."

-- Mas, -- lembrou-se num relance -- onde botei a chave?

Talvez o mais acertado fosse perguntar a Joana... NÃ£o, nÃ£o

perguntaria. Aborrecida como estava, a negra acabaria por desfazer a alegria em que ela, Magdala, sentia mergulhar. Comeã§ou entã£o procurando na gaveta da cã´moda, deu em seguida uma busca na mesinha de cabeceira, chegou atã© a subir no banco para olhar em cima do armã¡rio. Movimentava-se com certa sofreguidã£o e foi obrigada a sentar-se um pouco, pois o coraã§ã£o batia cada vez mais agitado. Recuperada, porã©m, a calma, fez a ãºltima tentativa na gaveta do consolo, onde guardava os papã©is da propriedade. Felizmente, aã- estava a chave.

O cheiro forte da naftalina se despreendeu da arca, quando Magdala ergueu a tampa.

Dir-se-ia que os trãs melhores vestidos, de seda macia, dobrados com capricho, estavam ali ã sua espera hã¡ muitos e muitos anos. Estendeu-os sobre a cama e ficou a mirã¡-los com tamanha ternura, que lhe vieram lã¡grimas aos olhos. Sim, era bom alisã¡-los, deixar que a ponta dos dedos corresse sobre o tecido macio. Pelo qual se decidiria? Sãºbito, notou: o de alpaca preta, com rendas *guipur* (e fora o seu predileto em certas ocasiãµes!) estava ligeiramente poã-do na dobra da manga esquerda e havia uma pequena mancha na altura do peitilho. Ergueu-o na altura da luz para melhor examinã¡-lo. Mais convincente do que esses pequenos defeitos foi o mundo de recordaã§ãµes que, de repente, baixou sobre ela: sim, as velhas e boas coisas de outros tempos, que o vestido evocava.

Na tarefa de vestir-se consumia uma meia hora e, durante todo o tempo, Magdala nã£o poucas vezes se viu obrigada a fazer uma pausa, numa procura desesperada de ar. Houve um momento mesmo em que precisou abrir a janela. Olhando a noite lã¡ fora, escura,

varrida pela chuva, uma noite triste como as inãmeras outras que descera sobre ela e a solidã£o em que vivia, teve sua primeira dãvida: sim, Deus do cã©u, qual o sentido de tudo isso? da sua alegria? desse vestido?...

Depois foi o penteado. O espelho estava embaã§ado, a chama do candeeiro nã£o ajudava muito -- e suas mã£os tremiam tanto, tanto, santo Deus! A caixinha de grampos estava diante dos olhos, enquanto ela tateava a gaveta ã procura. Inãtil foi tambã©m a busca do perfume -- um vidrinho cuja essãncia talvez, mesmo, jã se tivesse evaporado. Pronta, finalmente, examinou-se longamente no espelho, sorriu, e tornou a pensar:

-- "Por quãa?..."

Nã£o desceu em seguida. De olhos cerrados, envolvida pelo silãncio do quarto, foi-lhe impossã-vel repelir os pensamentos que a subjugaram, de sãbito. Na verdade (pensou) desejaria repeli-los? Deixou-se, entã£o, envolver por eles, como quem se entrega a uma canã§ã£o antiga, muitas vezes ouvida e cada vez mais amada. Vozes subiam da sala. Tambã©m sons de mãsica. Risos conhecidos. Tudo isto perfeitamente identificã-vel. Eram animais resfolegando no pãitio, batidas de portas de carruagens, ordens dadas aos gritos. Estava atrasada, Deus do cã©u, e no entanto nã£o tinha pressa de descer. Curioso! esperara tanto, tantos meses se passaram desde que sonhara com essa festa, contando os dias que ainda faltavam, fazendo-a lembrada de todos em casa. E o vestido? Perdera a conta dos modelos escolhidos e substituã-dos; perdera nã£o poucas noites de sono... E, agora, chegado o instante de tomar uma decisã£o, pois a data jã estava tã£o prãxima, vira-se obrigada a nã£o protelar por

mais um minuto sequer. Jã¡ pronta, linda como estava, com os longos e perfumados cabelos, a pele jovem e macia, as pessoas esperando lã¡ embaixo no salã£o, a orquestra, as amigas, os parentes, os convidados que vieram das fazendas vizinhas -- deixava-se estar ali, apã¡tica, quase desesperada de ansiedade, mas tambã©m de temor...

Escuta passos que se aproximam no tapete do quarto. Uma mã£o cai-lhe sobre o ombro. Seu pai que a vem buscar? Quem?...

Abre os olhos e vãª Joana:

-- Nã£o vai descer, sinhã¡?

Magdala fica olhando a negra e nã£o parece compreender-lhe a presenã§a.

-- Como? -- indaga.

A negra dã¡ um muxoxo. Magdala desperta, ergue-se e avanã§a para o corredor.

VI

Eram duas mulheres e quatro homens, sem contar com o negro condutor da carroça, que ficara na estrada consertando o veículo. Magdala estendeu a mão a cada um, retirando-se depois para ver se estava tudo em ordem. Não estava. A mesa parecia posta para um piquenique e não para um jantar de cerimônia, como determinara. Teve ímpeto de repreender asperamente Joana. Conteve-se, para evitar novos aborrecimentos. E ela mesma apanhou os cristais no aparador, mudou a colocação dos talheres e dos guardanapos. Dirigiu-se, depois, à cozinha, onde sabia estar guardada, num armário, a última garrafa de vinho existente na casa, um Porto com mais de trinta anos. Joana mexia a caçarola, mas não deixou de lançar uma olhadela de censura à patroa. Não, não compreendia a razão de tamanha estrepolia. Teria sinhã enlouquecido? E o espanto foi ainda maior quando viu os trajes da velha. Pôs-se a resmungar. Magdala percebeu tudo, mas estava decidida a não se deixar envolver pela má vontade da negra. Ajustaria contas no dia seguinte. Porque, apesar dos pesares, Joana continuava sendo uma escrava, e como escrava deveria ser tratada. Logo que fora abolido o cativeiro, partira da fazenda. Mas acabara voltando. E, se tinha voltado, era porque desejava continuar no antigo modo de vida.

-- Vocãª podia cortar algumas flores lá fora.

Joana voltou-se, surpreendida:

-- Onde vou encontrar flores neste escuro e debaixo da chuva, sinhã?

A velha já estava botando a galinha na terrina, esquecida do pedido que fizera. A negra deu outro muxoxo e não teve mais d'vida: a dona enlouquecera.

Magdala voltava à sala:

-- Vamos logo, pelo amor de Deus, criatura -- disse. -- Aquela gente está morrendo de fome.

Agora, sim, -- pensou depois -- a mesa estava com um ar decente: a luz suave dos castiçais se espalhava sobre a toalha branca, os cristais e os talheres. Ficou a admirá-la, feliz. Sim, porque estava realmente feliz. E quando Joana surgiu trazendo as terrinas fumegantes, Magdala dela se aproximou numa atitude de reconciliação:

-- Sinto-me tão alegre, Joana.

A outra nada respondeu.

Tudo pronto, afinal, foi ela chamar os visitantes, que, da pouca, sentavam-se em torno da ampla mesa de jacarandá. E somente quando Magdala assumiu o seu lugar à cabeceira, os artistas lhe

notaram o traje de gala. Ninguã©m achou ridã-culo. Admiraram, pelo contrãrio, o porte da velha senhora, a elegãncia com que dirigia a refeiãõ, a simpatia que se irradiava do seu rosto e de seus gestos. Ninguã©m teve mesmo coragem de falar antes que ela o fizesse. Houve, assim, um silãncio longo, profundo, sã³ interrompido quando um som estranho, porã©m breve, desceu do teto quase como um gemido. O homem ao lado de Magdala ergueu a cabeãça e olhou para cima: "Estas vigas..."

VII

-- Com sua licenãça, dona -- disse o diretor da *troupe*.

E foi apanhar o acordeãõ.

Estavam todos na sala de visitas, para onde foram levados os castiãçais. Magdala sentia-se envolvida por um agradãvel torpor, em conseqãncia do copo de vinho que havia bebido. Escutava, de uma das mulheres, a narrativa das aventuras da *troupe* ambulante. Hã³ mais de trã³s meses -- contava a loura -- que se encontravam fora do Rio, visitando cidades do interior de Minas e de Sã£o Paulo. Regressavam agora ao ponto de partida. Era uma vida de sacrifãcios. Fora um fracasso a temporada e voltavam mais pobres do que quando partiram.

Acrescentou sua decisãõ firme de abandonar aquela existãncia errante e boãmia, jã³ nãõ era crianãça, precisava pensar no dia de

amanhã.

Foi interrompida pelas primeiras notas do acordeã. Uma polca. O homem cantava:

Tive um amor na vida,

Um velho amor lá no Sul.

E quando a tarde vem,

Leontina...

Todos entraram alegremente em coro. Magdala havia cerrado os olhos. O vento frio da noite atravessava as janelas abertas. E *quando a tarde vem, Leontina...*

Magdala abre os olhos: bem à sua frente, sobre o consolo de jacarandá, parece contemplá-la a imagem do avô Felipe. Não o conheceu, mas pela descrição que dele costumava fazer o pai, facilmente lhe reconstituí-a os traços na memória. Via-o, assim, como nos velhos tempos, enchendo a fazenda de escravos, multiplicando as terras, arrancando riquezas do solo. Em poucos anos transformara os poucos alqueires de sua sesmaria naquele mundo de serras, de vales e planícies que as plantas de café e de cana-de-açúcar dominavam em dezenas e dezenas

de lãguas. A vasta casa-grande, quadrada, simples, fora erguida por ele. Tambã©m a capela.

A mãosica silenciara.

-- Que deseja ouvir agora? -- indagou o homem do acordeã£o.

Magdala pensou um pouco e pediu o *Doce Amã©lia*. Era uma cantiga triste e Magdala a danã§ara muitas vezes. Tambã©m costumava cantã¡-la ao piano, acompanhada pela irmã£ Tereza.

Oh! doce Amã©lia

Quem pode ver-te. . .

Vieram-lhe lãgrimas aos olhos. Sentia-se ainda tonta, e nã£o sabia se era do vinho ou de emoã§ã£o. Mentalmente, acompanhava a melodia, recordando os versos: a doce Amã©lia fora obrigada a casar-se com um velho conde, porque assim lhe ordenara o pai. Mas o grande amor de sua vida era o mancebo que todas as tardes passava ã frente do sobrado e suspirava por lhe tocar nos longos cabelos negros. Um dia, por intermã©dio da mucama de confianã§a, conseguem ajustar a fuga para daã- a trãas noites. O pai descobre o plano e manda assassinar o jovem. Amã©lia suicida-se, apertando entre os dedos o lenã§o de renda que o amado lhe remetera pouco

antes de atingi-lo o punhal assassino.

Oh! doce Amã©lia

Quem pode ver-te...

As lãgrimas escorrem pelas faces de Magdala. Nã© sabe se chora pela infeliz Amã©lia, ou por ela mesma -- pelas suas lembranã§as. Soluã§a. Todo o seu corpo estremece como uma folha sacudida pelo vento.

O homem pãira de tocar:

-- A senhora nã© estã se sentindo bem? -- indaga.

Magdala faz um esforãço para sorrir.

-- Continue, por favor. ã% tã© bonito!

Novamente o retrato do avã Felipe a contemplã-la: estã sentado numa cadeira de braã§os e tem as mãos apoiadas no cajado. Sob o cabelo cortado ã escovinha e a barba cerrada, sobressaem os olhos

escuros , penetrantes, a fitã_j-la do fundo do tempo. O mesmo ar da famã_lia -- pensa Magdala: olhos que tambã©m foram do seu pai, do seu irmã_o Abã_lio, dela mesma; formato de rosto semelhante ao de Maria e ao de Tereza. Onde estavam todos, onde estavam? Deus, nã_o somente as terras haviam sido duramente marcadas pelas intempã©ries; tambã©m os seus o foram, a sua gente, o seu sangue. E estavam todos mortos, como a terra.

Lembrou-se entã_o de Antã_nio Arruda. Via-o saltando do carro e se aproximando do alpendre. Que importava o dinheiro dele? "Cã_o, cã_o miserã_ivel!"-- murmurou. Mas jã_ era impossã-vel afastar a verdade que a lembrança de Antã_nio Arruda vinha sugerir. Sim, o mato, que Iã_ fora invadira toda a antiga extensã_o de terreno coberto pelos cafezais e canaviais, acabaria tambã©m avanã_ando sobre a casa-grande, para subjugã_j-la. Nas noites de pesadelo, acordava sentindo cipã_s que se lhe enroscavam ao pescoã_o. Eram como centenas de mã_os de dedos longos e finos procurando estrangulã_j-la. Gritava, possuã-da de terror. Despertando, sentava-se na cama e nã_o conseguia tornar a adormecer. Outras vezes, aproximava-se da janela e olhava Iã_ fora como para se convencer de que ainda estava em seguranã_ça; tudo escuro nos campos, tudo escuro e triste, como sempre. Mas -- sabia -- o mato ruim continuava ali numa ameaã_ça permanente, crescia dia a dia, avanã_ava para os degraus do alpendre, inexoravelmente.

Magdala olhou em volta: o homem do acordeã_o continuava tocando e os outros cantando. Indagou, de repente: "Por que estã_o aqui? que significa a presenã_ça deles nesta sala?" Sente-se cansada. Dã_i-lhe a cabeã_ça. Passado o efeito do vinho, o organismo comeã_ça a reagir. "Por que estã_o aqui? Por quã_a?... " -- volta a interrogar a si mesma, num crescente espanto. Ergue-se de repente. A chama das velas

diminui cada vez mais. Apenas muito vagamente consegue enxergar os homens e as mulheres. Parecem nã£o ter forma definida, sã£o como fantasmas. Ao dar acordo de si, estava quase gritando, no meio da sala:

-- Deixem-me, deixem-me! Vã£o-se embora, vã£o...

Virou-se, rapidamente, e abandonou a sala.

VIII

Os artistas entreolharam-se, sem compreender. O homem do acordeã£o aproximou-se da janela. Parara de chover e a lua cheia comeãçava a subir no cã©u, iluminando os campos adormecidos, a copa das ãrvores, a capela lã; no alto da colina. O mato noturno cheirava. E os grilos assumiam o comando da noite.

-- Bem, -- disse ele -- podemos partir.

Foi quando tornou a ouvir aquele estranho gemido que vinha do teto. Olhou para cima:

-- Estas vigas estã£o podres.

A mulher loura disse, por sua vez:

-- Diabo de velha esquisita, hein, gente?

Saã-ram para o pãjtio. A carroãa, jã consertada, fora trazida para ali. Um a um, os artistas tomaram seus lugares sob o toldo de lona.

-- Tudo pronto?

Um grito, o estalar do chicote, e a carroãa comeãou a se mover. Deixou o pãjtio e alcanãou a estrada na rampa. Era uma rampa em curva e tão extensa que, lã adiante, a uns trezentos metros da fazenda, não perdia de vista a casa-grande, a capela, a senzala iluminadas pelo luar. Alguã©m pã's-se a assobiar. O homem do acordeão retirou o instrumento da caixa e executou *Leontina*.

Tive um amor na vida,

Um velho amor lã no Sul.

E quando a tarde vem,

Leontina...

Entã£o, ouviram o estrondo. Era como se subitamente a terra se tivesse aberto sob as rodas do carro e os cascos dos animais. Voltaram-se todos para o caminho jã¡ percorrido: silãªncio, agora; um silãªncio denso, profundo, quase palpãªvel. Mas a lua cheia velava os escombros.

Originally published as "A Velha Senhora Magdala" in Maravilhas do Conto Moderno Brasileiro, Editora Cultrix, Sã£o Paulo.